



## PERMANÊNCIA DE GESTANTES NA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO DAS REGIÕES NORTE E NOROESTE FLUMINENSE: Quais são os desafios?

*Vanessa do Amaral Tinoco, Gerson Tavares do Carmo*

O objeto de estudo trata da permanência escolar da grávida e do período pós-gestação, a partir da seguinte questão-problema: em virtude de o período de gestação ser permeado de mudanças fisiológicas na vida da mulher, deixando-a muitas vezes fragilizada, o que leva uma parcela delas a permanecer nos estudos? A pesquisa concentra-se nas regiões Norte e Noroeste Fluminense, com foco em estudantes (ou ex-estudantes) de Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM), Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de graduação (da rede pública ou particular), que se engravidaram entre os anos de 1996 e 2011 e que, em 2021, estejam com, no máximo, 35 anos. Delimita-se, porém, que a idade das pesquisadas no momento da gravidez atinge duas fases: a adolescência (de 10 a 19 anos, conforme fora definida pela Organização Mundial da Saúde, OMS) e a Adulthood Jovem Inicial (AJI), dos 20 aos 25 anos. Uma restrição metodológica aponta que as pesquisadas não interromperam os estudos durante a gravidez e nem após o nascimento do bebê. Ou seja: permaneceram estudando até cumprirem o segmento de ensino (EF, EM, EJA ou graduação) de quando ocorreria o evento. A hipótese ora levantada sobre a permanência nos estudos, nesses casos, é a de que a resiliência pessoal para tanto decorre do desejo e da crença de que a conclusão dos estudos é fundamental, mesmo tendo ou não situações favoráveis de suporte/apoio material e afetivo para enfrentar o duplo desafio: levar a cabo a gravidez (incluindo-se aí, após o parto, os cuidados com o bebê) e os estudos. Tem-se como objetivo geral: evidenciar o(s) porquê(s) de a estudante (ou, hoje, ex-estudante) permanecer estudando por ocasião da gravidez e do pós-parto, a partir de uma reflexão crítica acerca dos dados coletados de uma pesquisa aplicada envolvendo o público-alvo já descrito neste projeto. A justificativa social pauta que “No Brasil, um em cada sete bebês é filho de mãe adolescente. A cada hora nascem 48 bebês, filhos de mães adolescentes!” (FEBRASGO, 2021). Como se nota é um dado alarmante “o número de bebês com mães de até 14 anos que contabilizou 19.330 nascimentos no ano de 2019, o que significa que a cada 30 minutos, uma menina de 10 a 14 anos torna-se mãe!” (Ibidem). Esses dados apontam para a necessidade de políticas educacionais voltadas à permanência escolar desse público, uma vez que a tendência é a evasão escolar a fim de que essas mães possam criar seus filhos, as quais “têm três vezes menos oportunidades de conseguirem um diploma universitário, segundo o relatório do UNFPA<sup>1</sup> e ganham em média 24% a menos do que mulheres da mesma idade sem filhos, segundo o mesmo estudo” (Ibidem).

*Instituição do Programa de PG: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)  
Fomento da bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ.)*



<sup>1</sup> Fundo de População das Nações Unidas.